

# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

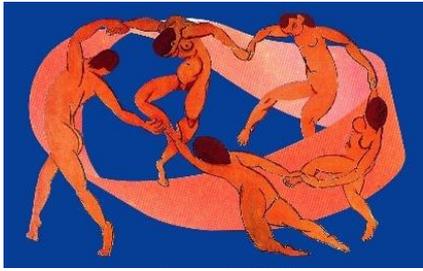
## PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NO HOSPITAL: CLÍNICA E TRANSMISSÃO

Prof. Dr. Vinícius Anciães Darriba

Professor Associado do Instituto de Psicologia / Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

O que se transmite, o que se pode transmitir em uma prática do psicanalista que se dá, no hospital, entre vários, referidos esses a distintos saberes e apoiados em diferentes discursos? Entendemos que essa questão não é secundária ao trabalho em contexto multidisciplinar no hospital. Embora nossa presença enquanto psicanalista dependa sempre de uma demanda que se coloca a cada vez, e que só pode ser trabalhada em cada caso, a pergunta sobre os efeitos desse trabalho, no âmbito ampliado do tratamento que ali se conduz e do funcionamento da equipe, insiste em nos interpelar. O que conseguimos realizar a partir das demandas que nos chegam encerra-se na efetividade do trabalho com o sujeito ali, reportável ao trabalho da transferência, um a um, ou algo se transmite para além desse domínio estrito? É possível pensar em algum giro discursivo (Lacan, 1969-1970/1992) em decorrência da presença do analista ou, por exemplo, as demandas, em especial as da equipe, continuarão reiterando-se do mesmo lugar?

Ao situarmos assim a pergunta relativa à transmissão na prática multidisciplinar no hospital, é certo que as respostas devem estar reportadas à casuística que lhes dê sustentação. Por outro lado, para nos ocuparmos da especificidade do caso a caso, é preciso seguir uma orientação no que concerne à questão da transmissão na psicanálise, e aqui essa será dada pelo ensino de Lacan. Como é característico de sua relação com a psicanálise, quando se trata da transmissão Lacan também procura articular o problema a partir das coordenadas engendradas pela própria experiência analítica. A



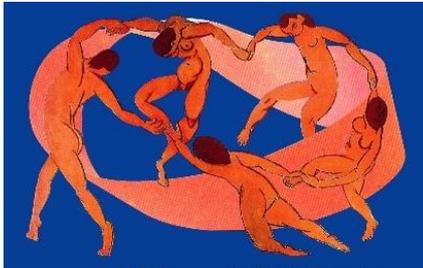
## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

escolha em ter sua obra como referência também se deve ao fato de que o percurso de Lacan já configura em si mesmo um esforço de transmissão que é acompanhado da tentativa reiterada de sua formalização. Além disso, encontramos da parte de Lacan um interesse central na questão da transmissão na psicanálise para além da esfera estrita do dispositivo analítico constituído por analisante e analista.

Para entrar nessa discussão, iremos tomá-la segundo dois recortes dentro da obra de Lacan. Primeiro, o que é anunciado nos seguintes termos: “gostaria que as pessoas se dessem conta de que já não é possível desempenhar o papel que convém à transmissão do saber sem ser psicanalista” (Lacan, 1968-1969/2008, p.158). Tal “exorbitância delirante” (p.158), como qualifica ironicamente Lacan, encontraria sua justificação naquilo que se passou com o valor do saber. Isso foi um ano antes de vincular a questão do saber aos quatro discursos, onde, nos termos do *discurso universitário*, teria se instituído, “no lugar do senhor, uma articulação eminentemente nova do saber, completamente redutível formalmente” (Lacan, 1969-1970/1992, p.76). A colocação do saber no lugar de agente implicou que “toda pergunta sobre a verdade” (p.98) que faz agir essa modalidade do saber ficasse velada.

Frente à opacidade da verdade incrementada pela “nova tirania do saber” (Lacan, 1969-1970/1992, p.30), na psicanálise, segundo Lacan (1968-1969/2008, p.195, grifo do autor), teríamos de modo diverso: “existe um saber que diz: *Há em algum lugar uma verdade que não se sabe*, e é ela que se articula no nível do inconsciente. É aí que devemos encontrar a verdade sobre o saber”. O inconsciente daria, então, a verdade sobre o saber.

O psicanalista não se coloca, portanto, em função do que trazemos aqui, nem como questionador de um saber nem como portador de um saber a mais. A divisa da psicanálise se constituirá, sempre, pela aposta em uma nova relação com o saber (Lacan, 1968-1969/2008). Na citação inicial, em sua dita *exorbitância delirante*, Lacan propôs que no futuro essa condição se estenderia

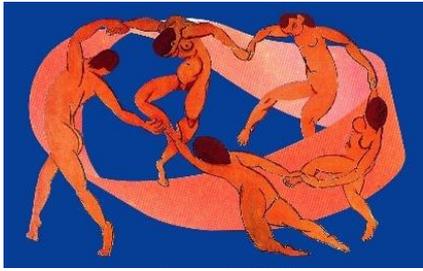


## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

a todo contexto de formação. Aquele que se encontre nessa posição, “mesmo que se trate de matemática, de bioquímica ou de qualquer outra coisa, fará bem em ser psicanalista” (p.158). Podemos tomar essa posição, cientes do que ela expressa de radical, para pensar a que pode a partir daí se referir a relação entre saber e transmissão.

O modo como se encontra situado o psicanalista nessas proposições remonta ao que Lacan (1968-1969/2008, p.158) acrescenta a elas, definindo aquele como “alguém para quem existe a questão da dependência do sujeito em relação ao discurso que o sustenta, e não que ele sustenta”. No Seminário do ano seguinte (Lacan, 1969-1970/1992), essa indicação de que o analista se sustenta em seu discurso - discurso do analista - acrescida aos demais discursos (do mestre, da histérica e universitário) exacerba a distinção entre o discurso que sustenta, discurso sem palavras (Lacan, 1968-1969/2008) e o discurso que é sustentado – ponto importante para pensar a transmissão. O discurso sustentado, na prática a que estamos nos referindo, é proferido como saber. Um saber que se sabe, saber exposto, enunciado; ao passo que a inserção necessária do analista, conforme vemos acima Lacan apontar, procede da interrogação sobre o discurso que sustenta a cada um em dada enunciação, o qual balanceia o que se enuncia.

Se pensamos no caso específico do médico, encontramos a mesma radicalidade em sua alocação, referindo-se à posição do analista como “a única de onde o médico pode manter a originalidade de sempre da sua posição, qual seja, daquela de alguém que tem que responder a uma demanda de saber” (Lacan, 1966/2001, p.13) – “missionário”. As duas balizas que, segundo Lacan, a psicanálise proveria seriam a distinção entre demanda e desejo e o gozo do corpo. Quanto à primeira, ele diz se tratar de algo facilmente constatável, mesmo na experiência do médico, mas que apenas seu ensino articulou estruturalmente: a falha entre demanda e desejo. Também é outra falha, entre saber e corpo, que define a segunda baliza. O que a relação nomeada como



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

“epistemo-somática” exclui, retorna na evidência de que “um corpo é algo feito para gozar” (p.11).

A questão colocada por Malengrau (1995, p.87) é como o modo pelo qual “a psicanálise inclui em sua própria experiência os limites que ela encontra”, sob a forma dessas falhas, poderia oferecer referência a uma prática que sustentasse “o irreduzível de um real?”. A partir de tal pergunta, passamos ao segundo recorte. Trata-se nela - parafraseando Lacan (1957/1998) numa pergunta que atravessa seu ensino – da questão de passar do um a um (o que a psicanálise ensina) ao todos (como ensiná-lo?). Foi nessa direção que a pergunta para Lacan veio a culminar na fundação de uma *Escola* de psicanálise. Mas essa pergunta não deixa de também estar, para nós, ligada ao contexto de nossa investigação. Podemos asseverar que o que Lacan (1964/2003, p.242) afirma na nota anexada ao *Ato de fundação* reporta-se igualmente ao trabalho no hospital: “o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”.

Na dimensão ampliada que a expressão *transferência de trabalho* convoca, estaria em jogo não o saber, mas o trabalho ele mesmo. A referência ao trabalhador remonta a outra passagem do *Ato de fundação*, adstrita à convocação feita por Lacan (1964/2003, p.239) naquele momento: “Não preciso de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos como sou desde já”. Pela recorrência do adjetivo *decidido*, Miller (2011) aproxima a referência ao trabalhador decidido do que Lacan veio a formular, em *Televisão*, dez anos depois (1974/2003), como o desejo *decidido* que a experiência analítica requer. Associa, assim, aos trabalhadores decididos que a transmissão da psicanálise requereria, o desejo, desejo decidido, de saber. Desejo que iria contra a ignorância conjugada ao recalque e que se distingue do amor ao saber. Embora precisemos ressaltar aqui, mais uma vez, que se trata de uma discussão empreendida por Lacan, e retomada por Miller, na dimensão da Escola de psicanálise, entendemos ser possível aproximar a



# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

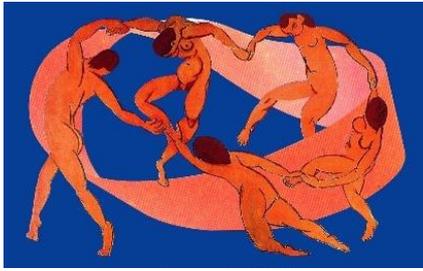
indução a que equivaleria a transferência de trabalho do efeito de transmissão que se pode pretender no contexto de uma prática multidisciplinar.

Como indicado antes, para Lacan, é a qualquer contexto de transmissão que estaria associado o que põe em jogo a posição do analista. Em função do que sucedeu com o valor do saber, a efetividade da transmissão passou a implicar uma nova relação com o saber. A transferência de trabalho deveria ser pensada nessa visada, de uma nova relação com o saber – não um saber que venha a completar. A ideia de que o que se transmite é o próprio trabalho remonta efetivamente à posição que esse trabalho implica, em particular frente ao saber. Miller (2011) entende que se trataria, em última instância, recorrendo a um tema caro a Lacan (1966/1998), do que se poderia transmitir de um estilo - não um que localizaria, mas que antes poria cada um a trabalho. Não sob a forma de um Outro a amalgamar o saber, mas justamente nos termos de uma falta no Outro. Do encontro com o Outro barrado, tirar a consequência do trabalho.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Transmissão; Hospital; Multidisciplinaridade.

## Referências

- Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino. In *Escritos*. (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (2001). O lugar da psicanálise na medicina. In *Opção Lacaniana*, 32, 8-14. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In Lacan, J, *Outros escritos* (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Lacan, J. (2003). Televisão. In Lacan, J, *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

Malengrau, P. (1995). Para uma clínica de cuidados paliativos. *Opção Lacaniana*, 13, 87-90.

Miller, J. A. (2011). *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós.